



Desenvolvimento em Questão

ISSN: 1678-4855

davidbasso@unijui.edu.br

Universidade Regional do Noroeste do  
Estado do Rio Grande do Sul  
Brasil

Rodrigues Bazi, Rogério Eduardo; Fabbri Jr., Duílio  
Narrativas, Consumo e Informação: A Identidade como Processo de Transposição do Regional para o  
Global  
Desenvolvimento em Questão, vol. 13, núm. 30, abril-junio, 2015, pp. 6-23  
Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul  
Ijuí, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=75235861002>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica  
Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal  
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

## Narrativas, Consumo e Informação:

### A Identidade como Processo de Transposição do Regional para o Global

Rogério Eduardo Rodrigues Bazi<sup>1</sup>

Duílio Fabbri Jr.<sup>2</sup>

#### Resumo

O consumo das mídias sociais por todas as classes socioeconômicas e culturais no Brasil tem criado novas formas de mobilização e organização que alteram a dinâmica de interação entre os atores da sociedade. Os indivíduos desses novos movimentos estão crescendo em número e se organizando cada vez mais, premidos e impulsionados pelas novas possibilidades de comunicação, presentes na *web*. O artigo analisa um fato noticioso reproduzido por um portal regional no interior do Estado de São Paulo – o G1 EPTV-Ribeirão Preto –, que ganhou contornos que ultrapassam seus limites definidos pela cultura local e alcança novas esferas na plataforma *web*: o caso Joaquim. Utiliza-se do estudo exploratório e descritivo e revela que o “local” ganha contornos globais, identificados por novas elaborações dos internautas.

**Palavras-chave:** Internet. Comunicação. Jornalismo.

<sup>1</sup> Doutor em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo (USP). Mestre em Comunicação e Mercado pela Faculdade de Comunicação Social Cásper Líbero. Graduado em Jornalismo pela PUC Campinas. Professor da Pontifícia Universidade Católica de Campinas. rogerio.bazi@gmail.com

<sup>2</sup> Mestre em Comunicação e Mercado pela Faculdade Cásper Líbero. Professor da Pontifícia Universidade Católica de Campinas. junior.duilio@uol.com.br

## **NARRATIVES, CONSUMPTION AND INFORMATION: The Identity as Process of Transposition of the Regional one for the Global**

### **Abstract**

---

The use of social media by all cultural and socioeconomic classes in Brazil has created new forms of mobilization and organization, which help to changes the dynamics of interaction between social's actors. The subjects of these new movements are growing in numbers and organizing increasingly pressed and driven by new communication possibilities, present on the web. The article analyzes a news fact published by a regional portal in the state of São Paulo – Ribeirão Preto-G1 EPTV –, who received contours that exceed their limits defined by local culture and reaches new levels in the web platform: Joaquim's case. Using the exploratory and descriptive studies' and shows that the "local" receives global's contours, identified by new elaborations of Internet.

**Keywords:** Internet. Communications. Journalism.

Com o acúmulo da massa de conhecimento e a sua expansão fortemente associada aos meios tecnológicos, reconhece-se, de maneira crescente, a importância da elaboração de parâmetros para a produção, circulação e uso da informação no ambiente jornalístico. Se, durante muito tempo, informação e conhecimento foram considerados palavras sinônimas, hoje elas são consideradas em virtude da solidariedade que mantêm.

Outro aspecto a ser considerado neste início de novo século é a questão da rápida mudança das tecnologias, presente em várias áreas do saber. A tecnologia possibilitou e incentivou criar meios cada vez mais rápidos para que a informação chegasse ao receptor, ajudando-o a elaborar o conhecimento. “O registro histórico das revoluções tecnológicas (...) mostra que todas são caracterizadas por sua penetrabilidade, ou seja, por sua penetração em todos os domínios da atividade humana, não como fonte exógena de impacto, mas como o tecido em que essa atividade é exercida” (Castells, 2000, p. 50).

Diferentemente do que ocorreu em outras revoluções, como a industrial ou a científica, na tecnológica, principalmente a partir dos anos 2000, “usuários e criadores podem tornar-se a mesma coisa (...) os usuários podem assumir o controle da tecnologia como no caso da Internet (...) pela primeira vez na história, a mente humana é uma força direta de produção, não apenas um elemento decisivo no sistema produtivo” (Castells, 2000, p. 52). O usuário passa a ser agente criador e transformador. Talvez seja por isso que

as novas tecnologias difundiram-se pelo globo com a velocidade da luz em menos de duas décadas, entre meados dos anos 70 e 90, por meio de uma lógica que (...) é a característica dessa revolução tecnológica: a aplicação imediata no próprio desenvolvimento da tecnologia gerada, conectando o mundo através da tecnologia da informação (Castells, 2000, p. 52).

Nesse sentido, à “conexão global associa-se à centralidade da informação” (Castells, 2000), isto é, diz respeito às Tecnologias da Informação e da Comunicação. Com elas, ao mesmo tempo em que inúmeras funcionalidades de circulação e de uso da informação se impõem, questões relacionadas às

formas de registros dos conteúdos e sua capacidade de informar também concorrem para uma alteração significativa da base e dos instrumentos com os quais a comunicação e o jornalismo operam.

Em uma cultura participativa, mediada pelas redes de relacionamento digitais, emerge e coexiste a convergência de mídias com os meios de comunicação de massa tradicionais e os novos meios. O desenvolvimento tecnológico provoca uma série de modificações nas relações de identidade, na transposição de conteúdos das plataformas *tv/web*, na forma de nos comunicarmos e na maneira como as empresas se comunicam com seu público-alvo. A internet hibridiza as fronteiras entre os meios, permitindo que usuários compartilhem experiências, desejos, percepções sobre atividades diversas do seu cotidiano. Seja por meio de computadores, *tablets*, *smartphones*, *smartTV*'s e outros dispositivos com acesso à internet, o consumo midiático deixa de ser algo hermético e limitado geograficamente, passando a ser potencializado por conversações e trocas de experiências em escala global.

Isso posto, o presente artigo analisa um fato noticioso reproduzido por um portal regional no interior do Estado de São Paulo, Brasil – o *GI EPTV-Ribeirão Preto* –, que ganhou contornos que ultrapassam seus limites definidos pela cultura local e alcança novas esferas na plataforma *web*: o caso Joaquim. A partir do argumento de Padilha (2013, p. 3), com o qual se concorda: “as informações disseminadas pela rede – incluindo as de cunho jornalístico – são importantes para o desenvolvimento dos mais diversos campos do conhecimento”.

## Método

Antes de se apresentar as correlações conceituais possíveis que podem contribuir para o entendimento do caso estudado, entretanto, é importante salientar que os métodos aplicados para a realização da pesquisa, exposto no presente artigo, estão subordinados aos procedimentos metodológicos que mais se identificam com a proposta. Registra-se que toda pesquisa é

resultado de uma série de decisões e opções tomadas pelo investigador ao longo do processo de investigação e que marcam todos os níveis e etapas do processo. São decisões e opções de caráter epistemológico e teórico que incidem, seja sobre a construção do objeto, seja sobre sua observação e análise. Trata-se, como apontou Epstein (2006), de captar um objeto social e transformá-lo em objeto de pesquisa ou constituí-lo em objeto científico.

Logo, optou-se, então, pela realização de um estudo exploratório e descritivo, que, segundo Gil (1999, p. 44), “têm como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou o estabelecimento de relações entre variáveis”.

## **0 global e o Local**

Ao analisar, portanto, o cenário globalizado, Ianni (2001, p. 12) relata que as fronteiras entre os mundos desaparecem e modificam-se “os significados das nações de países centrais e periféricos, do norte e do sul, industrializados e agrários, modernos e arcaicos, ocidentais e orientais”. Ao enfatizar que a globalização representa uma nova era de expansão do sistema de produção de bens e do processo civilizatório, que envolve todo o planeta em uma rede de complexidade e contraditoriedade, o autor reforça a ideia de que esse novo ciclo provoca a reorganização ou a realocação geográfica das corporações empresariais, antes concentradas nas regiões desenvolvidas. Seguindo essa linha de raciocínio, as empresas, incluindo as de comunicação, se reestruturam e se fazem presentes em muitos lugares, e mesmo no mundo todo, para defender suas políticas de produção e de comercialização de bens.

A globalização da informação, contudo, ao invés de eliminar as diferenças e realinhar os horizontes culturais, “parece reacender os velhos fantasmas particularistas e autocentrados” no sentido de “impulsioná-los numa onda expansionista” (Coelho Neto, 1999, p. 184-186). Nota-se que, em plena era da globalização, há um ressurgimento da diferença identitária, espaço cuidadosamente ocupado pela regionalização, uma vez que floresce o

espírito comunitário de relações mais próximas, do acasalamento de ideias e ideais. “As culturas e os imaginários nacionais tendem a desmoronar (relativamente), mas não desaparece de todo o localismo como âncora cultural, quer isto signifique um valor positivo quer negativo” (Coelho Neto, 1999, p. 185).

A globalização configura a sociedade universal como uma forma de “sociedade civil mundial, promovendo o deslocamento das coisas, indivíduos e idéias, desenraizando uns e outros”, expõem Oliveira et al. (1999, p. 159). Ainda, segundo as autoras, “cabe ao sujeito singular e coletivo produzir e reproduzir as condições materiais e espirituais de sua subordinação e eventual dissolução”. O que se percebe é que o horizonte do conhecimento é cada vez mais ilimitado, mas todo discurso é local. Ao mesmo tempo em que os limites se tornam quase inexistentes, urge o interesse pelos modos locais de produção, perfazendo a relação ‘global-regional-local’.

Gutiérrez Olórtégui (1996, p. 34) cita que essa relação permite “entender las formas de un mercado informativo que, fabricando un imaginário desterritorializado de la realidad global, hace evidente su necesidad de exportar al mismo tempo imágenes descontextualizadas, desencajadas y estandarizadas para facilitar su integración com otras imágenes del mundo”. “Sob o efeito da desterritorialização”, consequência da globalização cultural e econômica, o conceito de território ganha força e se expressa, uma vez que é, num espaço, em uma cidade, país, Estado, bairro ou no interior deste, que as expressões básicas da identidade aparecem. Coelho Neto (1999, p. 354) argumenta que, diferentemente do espaço cultural, território é o “efeito de mundo gerado pela inserção física direta, não mediada por uma representação elaborada, do indivíduo ou grupo nessa área física específica”. O efeito do mundo, segundo o autor, produz a sensação de uma relação natural com o território da qual decorre a identidade, mediante a elaboração linguística, o comportamento cotidiano e as obras de cultura. É necessário, porém, registrar que essa relação não seria tão natural, mas resultado de uma construção simbólica, de uma “teatralização”. Não há, segundo o autor, um grau ideológico do território como fator de manipulação da identidade. Na realidade, o que

existe é que todo efeito de mundo é uma operação de construção signífica, de substituição de um signo por outro, e assim o “problema não reside na construção em si, inevitável, mas no sentido que se atribui à construção” (Coelho Neto, 1999, p. 354)

Nessa construção, percebe-se que o significado da mensagem emitida pelos meios de comunicação, por exemplo, é localizado, o que permite a cada indivíduo ou a um grupo um reconhecimento de si mesmo como parte integrante daquele conjunto maior de signos, definidor da identidade da comunidade. Hall (2001, p. 77-78) admite, entretanto, que, ao invés de pensar no global “substituindo o local seria mais acurado pensar numa nova articulação entre o ‘global’ e o ‘local’”, este último pensado “no interior da lógica da globalização”, em lugar das “velhas identidades, firmemente enraizadas em localidades bem delimitadas”. Parece, então, improvável que a globalização esteja propensa à destruição das identidades, mas sim, forneça aos indivíduos novas identificações locais de si mesmo. Essas identificações, por sua vez, são sempre refletidas pela mídia num território, onde os “atos” noticiosos acontecem.

Cultura e identidade são, portanto, entidades abstratas que, ao mesmo tempo, concretizam necessidades de referências para determinado grupo social. No caso da identidade, no entanto, é preciso salientar que esta não é impermeável às influências do discurso massivo, uma vez que a cultura regional já sinaliza um panorama que extravasa a questão da cultura popular, entendida por alguns como a tradução de um purismo cultural. A cultura regional já alcançou o discurso de elite e é estendida também “ao massificado, em locais [pelo menos] onde conseguiu penetrar no esquema de produção conquistado junto aos conglomerados de comunicação” (Jacks, 1995, p. 160). Em razão de características como a identificação com papéis sociais, estereótipos ou acontecimentos regionais que tragam memórias de caráter mais extensivo, fatos podem naturalmente romper barreiras, ajudados pela facilidade de acesso às informações difundidas pela mídia.



## O Espaço Público e seus Atores

A fim, entretanto, de estabelecer possíveis analogias tênues com o exposto até então, têm-se, na outra extremidade do raciocínio, a considerar que o avanço da tecnologia e o uso da internet têm exigido uma reflexão sobre a relação complexa que o homem estabeleceu ao longo da sua existência com as tecnologias. Os novos dispositivos comunicacionais submetem o ser humano a um conjunto de transformações que altera radicalmente a forma como se relaciona com o mundo que o rodeia. Com a modernidade, processou-se um olhar apurado não somente para a tecnologia, assim como para a cultura, até então definida como um sistema isolado, fechada e invulnerável ao mundo exterior.

A internet oferece uma grande variedade de informações; não apenas material de origem oficial, mas conteúdo que vai desde a educação e entretenimento até o jornalismo, reduz os custos da participação política e permite envolver diferentes parceiros de interlocução desde a troca de e-mails numa base cidadão-cidadão, os *chats* e os grupos eletrônicos de discussão, até as amplas conferências, que podem envolver, inclusive, pessoas completamente desconhecidas entre si. Isso significa um potencial de interação inédito se comparado com os veículos de comunicação tradicionais. A rede pode proporcionar um meio pelo qual o público e os políticos podem se comunicar, trocar informações, consultar e debater, de maneira direta, rápida e sem obstáculos burocráticos.

As mais recentes transformações tecnológicas colocam, assim, um amplo leque de questões, pelo fato de interferirem diretamente na forma como percebemos o mundo. As tecnologias da informação têm uma incidência, ainda difícil de definir, sobre a nossa percepção e as nossas representações do mundo, não apenas por se prestarem a uma grande variedade de aplicações nos mais diversos domínios da experiência, mas, sobretudo, porque criam um mundo virtual e autônomo em relação ao mundo real. Thompson (1998) destaca que o desenvolvimento da mídia ajudou a criar um mundo em que

os campos de interação podem se tornar globais em escala e em alcance, e os passos da transformação social podem ser acelerados pela velocidade dos fluxos de informação.

O sensível aumento do número de *web*-usuários nas sociedades urbanas pós-industriais e a diversificação dos interesses manifestos por novos atores sociais, criaram a necessidade urgente não apenas da institucionalização de mecanismos deliberativos no âmbito público (Avritzer, 2002), mas também da ampliação de espaços nos quais indivíduos privados e atores coletivos, não constitutivos das esferas convencionais de governo, possam dar visibilidade as suas ideias ou mesmo debatê-las (Habermas, 1997; Cohen, 1997a, 1997b; Bohman, 1996; Avritzer, 2002). Tradicionalmente, a noção de esfera pública esteve associada a ambientes concretos, tais como cafés, salões literários e assembleias (Habermas, 1984; Thompson, 1998; Kellner, 1998), nos quais as pessoas negociavam desejos e planejavam ações (Maia, 2002).

Ainda no contexto presente da discussão, convém explicitar, mesmo brevemente a fim de estabelecer relação com o caso estudado, o conceito de noticiabilidade, tão presente nas atividades jornalísticas. Desta forma, Wolf (1999 p. 195) considera um “conjunto de elementos através dos quais o órgão informativo controla e gera a quantidade e o tipo de acontecimentos (...)”. Os valores/notícia são, portanto, um componente da noticiabilidade, os quais vão definir quais acontecimentos são interessantes, significativos e relevantes para se transformarem em notícia.

Os valores/notícia tornam possíveis a rotinização do trabalho jornalístico, pois, no contexto do processo produtivo, adquirem significados e desempenham a sua função. Wolf (1999, p. 218) considera que o elemento fundamental das rotinas produtivas, isto é, “a substancial escassez de tempo e de meios, acentua a importância dos valores/notícia, que se encontram, assim, profundamente enraizados em todo o processo informativo”.

Assim, em sua atividade diária, o jornalista se estrutura socialmente na redação, sobretudo no desejo de ser reconhecido entre os seus colegas e superiores, mais do que na resposta do público ou na defesa de seus ideais pessoais e até profissionais. “Através da socialização, apreendem-se também os valores já existentes partilhados pelos jornalistas da organização” (Sousa, 2002, p. 55).

Ainda, contribuindo para a reflexão iniciada, Martins (2012, p. 101) esclarece que “(...) o processo de convergência vai além das linguagens, formatos e mídias: atinge as habilidades dos jornalistas, as suas rotinas produtivas e chega às audiências, que desfrutam do poder de escolher qual mídia assistir, quando e como assistir”.

A propósito, então, tem-se, de um lado, a cultura profissional e, de outro, as restrições ligadas à organização do trabalho sobre as quais são criadas convenções profissionais que definem a notícia e legitimam seu processo produtivo em todas as suas etapas, estabelecendo, dessa forma, um conjunto de critérios de relevância que definem a noticiabilidade de cada acontecimento, ou seja, “a sua ‘aptidão’ para ser transformada em notícia” (Wolf, 1999, p. 189).

## **0 Caso Joaquim**

Os pensadores da Escola de Frankfurt, já nos anos 40, mostraram que, na relação de consumo que se estabelece entre meios de comunicação e seus públicos, a falta de delimitação clara entre informação e outras ofertas, como entretenimento, educação e ciência, por exemplo, apresenta-se como uma das características na busca por audiência.

O que se percebe hoje, no entanto, é que nem sempre esse processo de inter-relação entre a informação e o entretenimento ocorre apenas como estratégia mercadológica ou de alienação, como compreendiam esses autores, mas que esse é também um processo em que o receptor, por meio das

elaboraões daquilo que vê, lê e lhe chama a atenção e pela possibilidade de compartilhamento via internet, dá novos significados para o que foi produzido, inicialmente como informação, diante de qualquer sinal que lhe entretinha, pois como internauta ele se apropria do texto, da informação, da imagem e interage, podendo criar suas próprias convicções. Já quando a informação é compartilhada, o internauta estimula a audiência, retroalimentando a informação disponibilizada inicialmente.

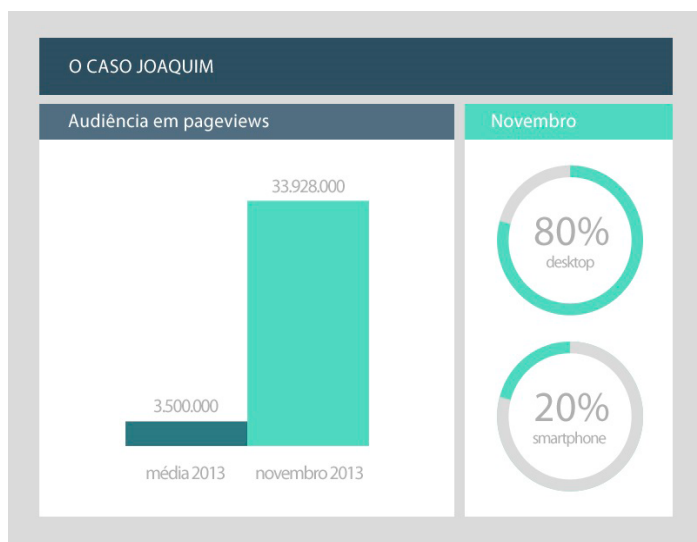
Considerando, então, esse processo, o presente artigo analisa a cobertura do caso Joaquim, reproduzido pelo canal de comunicação *G1-EPTV*, de Ribeirão Preto, interior de São Paulo, datado de 5 de novembro de 2013. Trata-se de um garoto de três anos chamado Joaquim Pontes Marques, desaparecido do seio familiar. A primeira reportagem no *G1 Ribeirão* foi publicada no mesmo dia às 17h01min<sup>3</sup>. Logo após a publicação, a polícia de Ribeirão Preto começou a investigação. Após 24 horas, a suspeita recaía sobre os pais. O *G1 Ribeirão* abriu uma página extra da *home*<sup>4</sup> principal e começou, então, a organizar todas as reportagens, fotos e vídeos do caso, facilitando ao usuário encontrar tudo que era publicado pelos repórteres e editores do *site*. Nela estava toda a oferta de matéria realizada no dia a dia da cobertura do caso, desde a primeira, com o desaparecimento da criança, até a prisão da mãe e do padrasto. A atualização era feita diariamente com até quatro reportagens por dia. Para cobrir o caso, uma equipe de repórteres, editores, fotógrafos e produtores foram destacados para que fizessem “plantão” na delegacia e casa da família, para que as notícias pudessem ser atualizadas instantaneamente. A oferta era multimídia, com fotos, vídeos, reportagens e, muitas vezes, com a participação do internauta que colaborava com fotos. A estratégia da equipe era, ao final de cada reportagem, oferecer uma variedade de subsí-

<sup>3</sup> Link da matéria: <<http://g1.globo.com/sp/ribeirao-preto-franca/noticia/2013/11/familia-busca-menino-de-3-anos-desaparecido-em-ribeirao-preto-sp.html>>.

<sup>4</sup> *Home*, do inglês, numa tradução livre, significa casa. Em internet tem o significado de primeira página do *site*, na qual estão as principais ofertas de notícias daquele *site*.

dios ao público que recontasse a história desde a primeira reportagem. Isso permitia ao internauta, local ou de qualquer parte do mundo, acompanhar o que gerou a reportagem.

A cobertura do caso, a partir dessa página, ganhou contorno nacional, saindo de uma cobertura local e ganhando a curiosidade e interesse nacional. Isso pode ser comprovado pelo número de *pageviews*, ou páginas visitadas pelo internauta. No mês de novembro foram 33.928,000 milhões, e a média mensal é de 3 milhões e meio. O pico da cobertura foi, segundo o *G1*, com dados do Google *analytics* no dia 11 de novembro de 2013, quando num dia somente, a página recebeu 3.928.000 visualizações. Nesse mesmo mês a audiência não veio apenas dos computadores de mesa, como são chamados, mas sim de telefones celulares e *tablets*, que se somaram 20% dessa audiência total, ou seja, 4.328 milhões de toda a parte do país.



Fonte: Google analytics.

Percebe-se que a personalização do discurso, a construção de um caminho a partir dos interesses do internauta e a estratégia dos editores do *site*, em colocar em um espaço apenas, as ofertas em forma de *menu*, por meio

do qual esse mesmo internauta pudesse construir a história do desaparecimento da criança e, posteriormente, a acusação da polícia, de assassinato pelo padrasto e a mãe como coautora, ofertou possibilidades ao usuário de construir uma forma de ler/receber as informações e, inclusive, de desconfiar delas, ou, então, transformar a natureza das informações, promovendo-as para um folhetim.

Assim, os sentidos a cada nova postagem, com objetivos locais, maximizam a ideia de linguagem em curso: o hipertexto e os compartilhamentos diversos permitem dobras inimagináveis de sentido, um movimento constante de criação de sentidos e funções para uma mesma informação. No contexto em que em um mesmo ambiente o internauta tem a oferta de reportagens, vídeos, fotos e entrevistas – que Jenkins (2008) define como um novo momento cultural na evolução das comunicações – o emissor, antes ativo no processo, não mais simplesmente emite mensagens para um receptor completamente passivo (Ormanze, 2012). O emissor, na verdade, ao lançar seus signos – ou ser invadido por eles, como no caso em análise neste artigo – não emite mais mensagens simplesmente, mas constrói um sistema possível de rotas, quando pode acompanhar o caso a partir de qualquer reportagem. Ao final de cada uma delas a edição oferece um “reconta”<sup>5</sup> do caso, uma forma resumida do fato principal.

Registra-se, ainda que, quando se aborda a questão local-global, inúmeras correlações conceituais são possíveis, e o afastamento de eixos tradicionais de identidade pode causar certo desconhecimento, mas em tempos de rupturas, propostas pela linguagem *webs*, os fluxos de informação atingem escalas transnacionais. Diante dessa relação entre global e local, os conceitos acerca dos processos de identidade e até mesmo identificação

<sup>5</sup> Reconta é, no jargão jornalístico, a estratégia de apresentar ao leitor os principais acontecimentos de um caso, permitindo ao leitor se contextualizar e ter uma visão geral do acontecimento.

produzem um efeito de diversidade, mostrando a variedade e a complexidade do mundo, reproduzindo a dinâmica da vida, trazendo ao internauta um aspecto de familiaridade (Fabbri Júnior, 2006).

Dessa forma, a transformação de um fato local adquire dimensões globais quando se nota que os limites locais foram extrapolados. Os números da audiência, por exemplo, revelados no quadro supraexposto, demonstram tal relação. Além do aspecto da audiência, porém, outras três razões explicam a relação a partir da descrição do caso:

- 1) *o suporte* – a internet torna possível o acesso a informações sem fronteiras. Antes, o que seria restrito a um espaço territorial preenchido pelas TVs, rádios ou jornais, agora, se gerar interesse, pode ser acessado de qualquer ponto e cada vez por dispositivos diferentes, como celulares, computadores de mesa, *tablets*, etc.
- 2) *a forma narrativa* – a possibilidade de o próprio leitor construir a história, usando os recursos que mais lhe agradam – texto, vídeo, fotos e usar, se necessário, o “reconta” – para compreender o que a informação acessada num primeiro momento não lhe completa, dá ao leitor de internet, naturalmente impaciente, a noção de domínio: ele é senhor de si, que constrói seus próprios percursos, sem que a informação lhe chegue de forma a torná-lo um sujeito passivo, como era anteriormente, nas mídias tradicionais. Isso permite, ainda, que sejam gerados compartilhamentos em redes sociais digitais, o que também aumenta os *pageviews*: um leitor pode considerar interessante um dos vídeos da cobertura e compartilhá-lo como link; outro pode se interessar mais pelo texto; outro pode achar a história tão absurda e simplesmente compartilhar uma foto dos pais. Cada um se torna, assim, um novo emissor, gerando novos significados e novos caminhos a serem acessados e também reconstruídos pelos próximos internautas que chegam à página. No caso analisado, durante a cobertura da reportagem “Cães farejadores e caneta de insulina incriminaram padraço de Joaquim”, foram 398 compartilhamentos. Em outra reportagem “Sob aplausos, corpo do menino Joaquim é enterrado no interior de SP”, foram

1,2 mil compartilhamentos. Ao mesmo tempo, esse é um processo que, ao lado da contínua atualização das notícias, serializa os fatos e dá a eles um caráter de atualização a cada nova postagem. O internauta, por sua vez, ao entrar em contato com uma nova atualização, caminha em direção ao sentido de que se mantém extremamente bem-informado, uma das características que a internet e a serialização das informações lhe transmite como sensação. Oferecida em pacotes de significação, a informação jornalística é constituída por fragmentos da realidade, subordinados, na produção noticiosa, a uma lógica de montagem que tenta transmitir sensações, como atualização frequente, ausência de lacunas de informação e proximidade com o leitor.

3) *os elementos da narrativa/dramaticidade* – a história do menino Joaquim traz consigo situações pré-construídas sobre o pai, a mãe, a família, a infância, etc. Esses elementos são essenciais no processo de formação de sentido e, principalmente, no interesse que o assunto gerou. Valores como família e infância são globais e extrapolam os limites do local e isso, aliado à forma como a narrativa foi contada, ajuda a criar leitores por todo o país. O assunto é local, mas os valores e a forma de contar a história não têm fronteiras. Desde a Antiguidade, o homem desenvolve um fascínio pela narrativa, pela história, em busca de identificação e pertencimento. Não fosse assim, não haveria tanto apreço pela literatura, pelo drama encenado e, mais recentemente, pelo olhar sobre a vida privada por meio de ferramentas como as redes sociais digitais. Ricoeur (2010) associa essa ligação com a busca existencial humana por respostas, catarses e sentidos. Nessa busca por narrativas, surge, então, em razão dos personagens existentes (pai, mãe, filho), as representações sociais, os pré-construídos. É o interdiscurso, ou seja, o discurso que vem de algum outro lugar, que se faz presente ainda que não se espere ou não se tenha domínio sobre ele. Está no espírito de uma época, de uma cultura e no inconsciente de cada sujeito (Pêcheux, 1989).



A esfera pública e os limites entre local e global, assim, são constituídos a partir de uma rede complexa de elementos, que envolve aspectos simbólicos, psicológicos e tecnológicos. De certa forma, influencia o sujeito na construção da própria imagem, sugerindo comportamentos e suscitando reflexões que levam ao internauta aspectos de familiaridades dentro de um território determinado.

## Considerações Finais

Pode-se observar, então, longe da pretensão de se chegar a uma conclusão, que a internet, metaforicamente, trouxe o “cidadão/usuário” de volta à praça pública, à comunidade local, com alcance global. Um conceito moderno do que Habermas (1984) chamou de esfera pública. Os públicos que discutiam a informação, no contexto do espaço público burguês, são substituídos por públicos que a consomem de qualquer maneira: de modo ativo e não elaborado, trazendo para si as interpretações do fato de acordo com a oferta de caminhos. O espaço público alargou-se, democratizou-se e massificou-se; o mesmo tendo acontecido com os públicos, mas o debate e a discussão de ideias foram substituídos pelo consumo passivo, com alguns índices de interatividade, o que enuncia um modelo pluralista do espaço público que participa na democratização das estruturas da sociedade. Por sua vez, o conceito de privado remete às questões do mercado e da privacidade do indivíduo, e o público passa a ser identificado como o espaço onde ocorrem as relações políticas. A disseminação de informações e a passividade dos indivíduos acabam por abafar a personalidade individual e tornam cada vez mais complexa a distinção entre o público e o privado.

É possível considerar também, por meio do estudo, que o “local” ganha contornos globais, identificados por novas elaborações dos internautas. A partir delas surgem inúmeras correlações conceituais possíveis, e até o afastamento dos eixos tradicionais de identidade podem ser rompidos. Com isso, os fluxos de informação atingem escalas transnacionais.

Por fim, a transformação de um fato local em global e da constituição de uma esfera de discussão que extrapola as fronteiras locais concomitantes com a história da notícia do caso Joaquim, traz consigo elementos pré-construídos sobre a presença do pai, da mãe, da família, entre outros, essenciais no processo de formação de sentido. Ao extrapolar os limites do local, o caso forneceu ao leitor da internet, naturalmente impaciente, a noção de domínio, em que ele constrói seus próprios percursos sem que a informação lhe chegue de forma a torná-lo um sujeito passivo, como era anteriormente nas mídias ditas tradicionais, como o rádio e a televisão.

## Referências

- AVRITZER, L. Democratic theory and the formation of a public sphere. In: \_\_\_\_\_. *Democracy and the public space in Latin America*. Princeton: Princeton University Press, 2002. p. 36-54.
- BOHMAN, J. *Public Deliberation: Pluralism, Complexity and Democracy*. Cambridge: MIT, 1996.
- CASTELLS, M. *A sociedade em rede*. A era da informação: economia, sociedade e cultura. São Paulo: Paz e Terra, 2000. V. 1.
- COELHO NETO, T. *Dicionário crítico de política cultural*. 2. ed. São Paulo: Iluminuras, 1999.
- COHEN, J. Deliberation and democratic legitimacy. In: BOHMAN, J.; REHG, W. (Orgs.). *Deliberative democracy*. Cambridge: MIT, 1997a. p. 67-91.
- \_\_\_\_\_. Substance, procedure and pluralism. In: BOHMAN, J.; REHG, W. (Orgs.). *Deliberative democracy*. Cambridge: MIT, 1997b.
- EPSTEIN, Isaac. Ciência, poder e comunicação. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (Org.). *Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação*. São Paulo: Atlas, 2006.
- FABBRI JR., D. *A tensão entre global e local: os limites de um noticiário regional na TV*. Campinas: Editora Akadêmica, 2006.
- GIL, Antônio Carlos. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.
- GUTIÉRREZ OLÓRTEGUI, M. Imágenes e imaginarios de latelevision global. *Diálogos de la Comunicación*, Lima, n.45, junio 1996.
- HABERMAS, J. *Mudança estrutural da esfera pública*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984.

- \_\_\_\_\_. *Direito e democracia: entre facticidade e validade*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1997. p. 57-117.
- HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.
- IANNI, O. *A era do globalismo*. 5. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.
- JACKS, N. Pesquisa de recepção e cultura regional. In: SOUSA, Mauro Wilton (Org.). *Sujeito, o lado oculto do receptor*. São Paulo: Brasiliense, 1995. p. 151-165.
- JENKINS, H. *Cultura da convergência*. São Paulo: Editor Aleph, 2008.
- KELLNER, D. Intellectuals, the new public spheres, and techno-politics. In: TOULOUSE, Chris; LUKE, Timothy W. (Eds.). *The politics of cyberspace*. New York: Routledge, 1998. p. 167-186.
- MAIA, R. C. M. Democracia e a Internet como esfera pública virtual: aproximando as condições do discurso e da deliberação. In: MOTA, L. G. et al. (Orgs.). *Estratégias e culturas da comunicação*. Brasília: Editora UNB, 2002. p. 107-127.
- MARTINS, Elaide. Telejornalismo na era digital: aspectos da narrativa transmídia na televisão de papel. *Brazilian Journalism Research*, v. 8, n. 2, 2012. Disponível em: <<http://bjr.sbpjor.org.br/bjr/issue/view/26>>. Acesso em: 9 nov. 2013.
- MATTOS, Sérgio (Org.). *A televisão na era da globalização*. São Paulo: Ianamá, 1999.
- OLIVEIRA, C. B. et al. O local e o global no olhar televisivo: estudo comparativo da estética dos telejornais “Em cima da Hora”, “International WorldNews” e “Journal”. In: MATTOS, Sérgio (Org.). *A televisão na era da globalização*. São Paulo: Ianamá, 1999.
- ORMANEZE, F. Jornalismo na internet: reflexões sobre transmídia e reportagem 360° como propostas de produção. In: JUNQUER, A. et al. *Novas competências na sociedade do conhecimento*. Campinas: Leitura Crítica, 2012. p. 73-80.
- PADILHA, S. *A Contribuição do webjornalismo na construção da sociedade do conhecimento*. BOCC. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/bocc-padilha-webjornalismo.pdf>>. Acesso em: 8 nov. 2013.
- PÊCHEUX, M. *Semântica e discurso*. Campinas: Unicamp, 1989.
- RICOEUR, P. *Tempo e narrativa*. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- SOUSA, Jorge Pedro. *Teorias da notícia e do jornalismo*. Chapecó: Argos, 2002.
- THOMPSON, J. B. *A mídia e a modernidade*. Petrópolis: Vozes, 1998.
- WOLF, Mauro. *Teorias da comunicação*. 5. ed. Lisboa: Editorial Presença, 1999.

Recebido em: 10/6/2014

Accito em: 7/10/2014